



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
**NEWSLETTER**

NÚMERO **142**  
ABRIL 2013

**Galápagos**  
**Olhares de artistas**





Alexis Deacon, Lonesome George, 2009 © Cortesia do artista

## 4

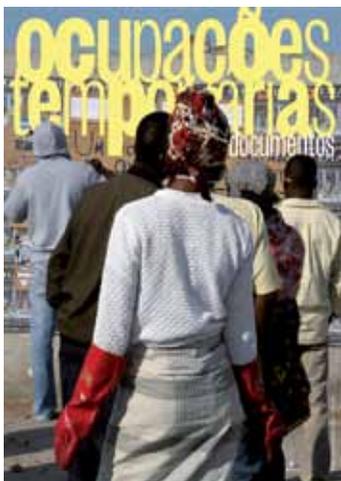
### Galápagos

Fruto de um programa de residência artística inspirado pela Fundação Calouste Gulbenkian, a exposição reúne o trabalho de doze artistas internacionais que foram enviados para as Galápagos com a única missão de retratarem livremente aquilo que mais os impressionasse. Filipa César e Paulo Catrica são os dois portugueses representados nesta exposição que abre ao público no **dia 19** no Centro de Arte Moderna, depois de ter passado por Liverpool e Edimburgo.

## 7

### Aliança estratégica com “la Caixa”

A pensar na melhoria de vida das pessoas de Portugal, de Espanha e também dos países em vias de desenvolvimento, a Fundação Gulbenkian e a Fundación “la Caixa” assinaram um protocolo de colaboração em áreas tão distintas como a saúde, a investigação ou a cultura. Uma aliança que passa pelo estudo e implementação de vários projetos de intervenção social.



## 14

### Um outro olhar

A artista moçambicana Maimuna Adam assina a crónica deste mês sobre a iniciativa artística Ocupações Temporárias, realizada em Maputo e no Mindelo, e que agora poderá ser vista em versão documental na Fundação Gulbenkian, a partir de **dia 11**. A artista escreve que as Ocupações “revelam um dos papéis fundamentais da arte: provisionar um espaço para análise, crítica e exposição de problemas”, como mostrará esta exposição documental que dará a ver ainda algumas obras inéditas.

**A NEWSLETTER errou** | O artigo do mês passado relativo à *Obra da Biblioteca de Arte* foi publicado com vários erros. Por esse motivo, repete-se a *Obra* em causa nesta edição (página 30).

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

**NEWSLETTER** NÚMERO 142.ABRIL.2013 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | André Cunha  
COLABORAM NESTE NÚMERO Ana Barata | DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | João Silva [DDLX] | REVISÃO  
DE TEXTO Rita Veiga | FOTO DA CAPA Dorothy Cross, *Cow and Tortoise*, Galápagos, 2007 © Cortesia da artista | IMPRESSÃO  
Greca Artes Gráficas | TIRAGEM 10 000 exemplares | Av. de Berna, 45 A, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00  
info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt

# 16

## Clarice Lispector

*A hora da estrela* mostra documentos, imagens, ambientes e fac-símiles da obra de uma das mais consagradas escritoras brasileiras – Clarice Lispector. A partir de **dia 5** deste mês e até **23 de junho**, a Galeria de exposições temporárias do Museu Gulbenkian acolhe a exposição vinda do Museu de Língua Portuguesa de São Paulo e que foi vista por milhares de pessoas no Brasil e na Colômbia. Uma oportunidade para visitar ou revisitar as palavras e o pensamento de uma grande escritora.

# 19

## Novas exposições no CAM

A primeira retrospectiva de Fernando de Azevedo – *Razões Imprevistas* –, e a exposição de desenhos de Emmerico Nunes completam o número de novas exposições do CAM, que abrem ao público **no dia 19** deste mês. Na exposição de Emmerico Nunes podem ver-se cerca de 200 desenhos do artista luso-alemão, reunidos pela primeira vez numa exposição portuguesa. Por outro lado, na retrospectiva de Fernando de Azevedo, o visitante terá oportunidade de ver inúmeros exemplos da diversidade do seu trabalho.



Andreia Pinto-Correia por Daniel Blaufuks

# 22

## Andreia Pinto-Correia

Vive nos Estados Unidos e é autora de um número considerável de obras musicais encomendadas por instituições americanas e também nacionais. Andreia Pinto-Correia faz a sua estreia na temporada de música da Fundação Gulbenkian com três novas composições, em concertos dirigidos pela maestrina Joana Carneiro, a **11 e 12** deste mês. A compositora fala de um fio condutor a unir a trilogia, “uma nostalgia, uma memória, ou mais especificamente uma atmosfera emocional que rodeia essa memória”.

## índice

### primeiro plano

4 **Galápagos – olhares de artistas**

### notícias

7 **Aliança estratégica com “la Caixa”**

8 **Compreender melhor a Saúde Global**

8 **Conferência Internacional sobre Garcia de Orta**

9 **Literatura em Portugal e na América Hispânica**

10 **Cidadania Ativa**

11 **breves**

### bolseiros gulbenkian

12 **Nuno Henrique**

### um outro olhar

14 **Maimuna Adam**

### em abril

### exposições

16 **Clarice Lispector – A hora da estrela**

19 **A primeira retrospectiva de Fernando de Azevedo**

20 **A obra perdida de Emmerico Nunes**

21 **De África à Europa – ocupações temporárias**

### música

22 **Andreia Pinto-Correia**

24 **Curso Viva Verdi!**

### conferências

25 **A flora e a fauna exóticas do século XVI**

26 **novas edições**

27 **catálogos de exposições**

### uma obra

28 **Inro**

30 **Information**





Jyll Bradley, *Audiences*, Galápagos, 2012 © Cortesia da artista e da Galeria Mummery+Schnelle, Londres

# Galápagos

## Olhares de artistas

O cenário único das ilhas Galápagos foi o espaço escolhido pela Fundação Gulbenkian para uma residência de artistas, realizada ao longo de cinco anos, em que a arte se cruzou com a ciência, o ambiente e a política. Património Mundial da Humanidade, as Galápagos constituem um verdadeiro laboratório do mundo natural, um mostruário de como espécies de plantas e de animais se fixam no meio ambiente, se adaptam a ele e nele coexistem num sistema integrado. Viajar por estas ilhas permite observar a interdependência da geologia, da botânica, da terra e da vida marinha bem como o complexo impacto das espécies invasoras nesta ordem. Ao mesmo tempo significa visitar um lugar de culto, que inspirou alguns dos mais decisivos argumentos de Charles Darwin para a sua teoria da evolução das espécies quando, em 1835, visitou o arquipélago a bordo do lendário *Beagle*.

Local perfeito, por isso, para acolher uma iniciativa que encorajou diferentes olhares sobre um microcosmo em frágil equilíbrio, tanto pela ação humana, como pela difícil convivência dos animais e das plantas que pertenciam ao habitat natural das ilhas com espécies introduzidas pelo Homem. É o caso, por exemplo, dos caprinos trazidos pelos baleeiros e pelos piratas para sustento e que dizimaram a vegetação de que espécies como a tartaruga-gigante-das-galápagos necessitam para alimento e abrigo. O projeto desenvolvido pela Fundação Gulbenkian, através da sua Delegação em Londres, consistiu em convidar um conjunto de artistas a viver nas ilhas durante um ou vários períodos, desafiando-os a abordar criativamente os conflitos existentes e a estabelecer pontes com as suas próprias realidades. O crescente interesse do meio artístico pelas políticas ambientalistas encontrou eco nesta proposta, que

deu oportunidade aos intervenientes para explorar estas questões num cenário natural singular.

O programa de residências decorreu entre 2007 e 2011 e envolveu doze artistas: Jyll Bradley, Marcus Coates, Dorothy Cross (com Fiona Shaw), Alexis Deacon, Jeremy Deller, Tania Covats, Kaffe Matthews, Semiconductor (Ruth Jarman e Joe Gerhardt), Alison Turnbull, Paulo Catrica e Filipa César. Foi pedido a cada um deles um olhar a partir da sua experiência no local e do contacto com a natureza e com as comunidades residentes.

As obras produzidas, entre desenhos, pinturas, filmes, instalações, esculturas e peças de som, apresentam uma sugestiva descoberta do arquipélago com as suas criaturas, vegetação, mares, população, edifícios e investigação científica. Transmitem um mundo peculiar, mas que ecoa experiências que remetem para o mundo de cada um.

Originalmente, esta iniciativa limitava-se ao programa de residência, mas decidiu-se, entretanto, alargá-la a outras latitudes, através de uma exposição coletiva itinerante de todas as obras de arte produzidas no seu âmbito.

Assim, foi apresentada uma exposição em 2012 na Bluecoat (Liverpool) e na Fruitmarket Gallery (Edimburgo), tendo como curadores Bergit Arends e Greg Hilty.

Esta exposição será agora apresentada no CAM, abrindo ao público no dia **19 de abril**.

## **DOIS PORTUGUESES NAS ILHAS MÁGICAS**

Paulo Catrica e Filipa César participaram nesta residência em alturas distintas: o primeiro em outubro e novembro de 2010 e a segunda em abril e maio de 2011.

Filipa César, artista que utiliza vulgarmente o filme para refletir sobre questões políticas e sociais, inspirou-se no livro *A Invenção de Morel*, do escritor argentino Adolfo Bioy Casares, uma história de ficção científica escrita em 1940 sobre a invenção de uma máquina capaz de reproduzir imagens, sons e cheiros, que acabam por se sobrepor à realidade. O contexto geográfico e a história militar do arquipélago, assim como a sua importância estratégica para os Estados Unidos durante a Guerra Fria, povoaram especialmente a imaginação de Filipa César. A pesquisa centrou-se na ilha de Baltra, outrora uma base aérea do exército dos Estados Unidos, e na ilha Seymour Norte, que foi utilizada como campo de tiro e de bombardeamento militar.

Estas linhas de investigação conduziram-na aos Arquivos Nacionais, em Washington, onde encontrou fotografias aéreas destas ilhas, tiradas por aviões militares, assim como os negativos, que registam uma rota aérea para Seymour Norte.

Para a exposição, Filipa César criou uma instalação articulada com as reflexões de Morel e baseada em filme de arquivo, documentos e informação geopolítica recolhida pela artista.



Marcus Coates, Blue-footed booby, Puerto Ayora, Santa Cruz, Galápagos, 2008  
Foto: Elke Hartmann, Cortesia do artista, da Galeria Kate MacGarry, Londres e da Galeria Workplace, Gateshead © Coleção British Council

## **A PAISAGEM HUMANIZADA DAS ILHAS**

O fotógrafo Paulo Catrica abordou o arquipélago na linha do trabalho que tem realizado em zonas suburbanas europeias ou escolas secundárias portuguesas, lugares que apresenta sempre desprovidos de presença humana. Catrica quis questionar as generalizações sobre as ilhas, fotografando locais fora do Parque Nacional, onde não vigoram as leis da preservação, e pondo em destaque o resultado da ação humana que constitui uma ameaça constante àquele frágil ecossistema. Paulo Catrica fala das ilhas como um “lugar comum” e dos desafios deste trabalho.

## **QUANTO TEMPO DUROU A SUA RESIDÊNCIA E DE QUE MODO SENTIU AQUELA REGIÃO?**

A minha residência durou cerca de três semanas. As Galápagos são um lugar muito raro, remoto, difícil de habitar e com uma conotação simbólica muito forte no hemisfério Ocidental, e esse aspeto parece estar sempre presente no nosso imaginário. O meu estatuto de turista/artista deu-me uma outra perceção para além da beleza estranha da paisagem e da variedade da paisagem natural. O que mais me impressionou num primeiro momento foi o modo como as pessoas e os animais conseguem coabitar no mesmo espaço. Depois percebemos que esse equilíbrio está fortemente ameaçado pelo turismo – o nosso modo de vida é de facto uma ameaça constante para qualquer ecossistema. Mas



Paulo Catrica, Pampas Coloradas, Puerto Ayora: So, 2010 © Cortesia do artista

foram as pessoas que de facto mais me marcaram. Para os equatorianos, o arquipélago de *las islas mágicas* é um lugar desejado, onde se vive melhor que no Equador continental e onde as expectativas sociais e económicas são maiores.

#### **O QUE SURTIU, ENTÃO, COMO TEMA DE TRABALHO?**

O meu projeto centrou-se na ideia das Galápagos como um “lugar comum” e na paisagem humanizada das ilhas. Trabalhei nas duas ilhas mais povoadas, em Santa Cruz e em San Cristóbal. Na primeira, em Puerto Ayora, onde vive a maior parte da população (cerca de 30 mil habitantes), e em Puerto Baquerizo Moreno, a capital administrativa das Galápagos. Interessou-me perceber como se pode ocupar um território com 98 por cento de reserva natural, como são desenhadas as casas, as ruas e os materiais. As ilhas são uma terra de imigrantes recentes, onde existem poucos habitantes autóctones, e até à data em que foram classificadas como Património da Humanidade eram uma terra



Paulo Catrica nas Galápagos.

maldita, onde apenas viviam prisioneiros de uma colónia penal, alguns cientistas e funcionários públicos equatorianos – polícias, militares e administrativos. E uns poucos ocidentais atraídos por experiências e modelos de vida utópicos. Não existe água potável nas Galápagos, não há rios e o clima e a vegetação são muito duros.

#### **FOI UM TRABALHO SOLITÁRIO OU HOUVE CONTACTO COM OS OUTROS ARTISTAS?**

Houve uma série de reuniões antes da minha ida, em Londres, onde conheci os outros artistas e vi alguns trabalhos ainda numa fase muito inicial. O projeto durou alguns anos entre a ida do primeiro e a do último artista. Depois, uma fase de pesquisa na British Library e nos arquivos do Galápagos Trust, onde o assunto do meu trabalho ganhou forma e substância, sempre com a cumplicidade do Greg Hilty, curador, da Angela McSherry, produtora, e da Siân Ede, da Delegação de Londres da Fundação Gulbenkian, três pessoas que foram muito inspiradoras e motivadoras. Nas Galápagos, conheci Graciela Monsalve, uma cientista equatoriana que vive em Puerto Ayora há vinte cinco anos e que foi muitíssimo importante, porque me permitiu conhecer aspetos das ilhas de um outro modo. Contactei com muitas pessoas e julgo ter percebido algumas das questões que marcam o modo de pensar e de viver nas Galápagos. ■

#### **GALÁPAGOS**

**Curadoria: Bergit Arends e Greg Hilty**

**19 ABRIL A 7 JULHO**

**CAM**



## Aliança estratégica com “la Caixa”

Da esquerda para a direita: Jaime Lanaspá, diretor geral da Fundación “la Caixa”, Isidre Fainé e Artur Santos Silva, presidentes das fundações “la Caixa” e Calouste Gulbenkian. © Mária Lessa

O presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Artur Santos Silva, e o presidente da Fundación “la Caixa”, Isidre Fainé, assinaram um protocolo de colaboração para o desenvolvimento de iniciativas destinadas a melhorar a qualidade de vida das pessoas em Portugal, Espanha e nos países de língua portuguesa.

O protocolo foi assinado em Lisboa, no dia 5 de março, na Fundação Gulbenkian, e prevê a colaboração nas áreas social, científica, cultural e de cooperação internacional.

Na ocasião, o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian destacou que “este acordo foi assinado a pensar nas pessoas, sobretudo nas que mais necessitam, como um estímulo para o desenvolvimento das sociedades portuguesa e espanhola, assim como de outros países”. Para Artur Santos Silva, “a importância da obra de ‘la Caixa’ no âmbito social constitui uma referência para a intervenção da Fundação Gulbenkian na área social e é uma honra poder celebrar este acordo”.

Por seu lado, Isidre Fainé, presidente da Obra Social “la Caixa” e da Fundación “la Caixa”, salientou que “é uma verdadeira honra e uma garantia de êxito poder contar com um parceiro com o prestígio e o compromisso da Fundação Gulbenkian. O nosso esforço conjunto contribuirá para a melhoria do bem-estar dos cidadãos de Espanha e Portugal, duas nações irmãs, beneficiando também os países em vias de desenvolvimento”.

### EXPOSIÇÕES E CONCERTOS

Na área cultural, as duas instituições comprometem-se a organizar uma exposição de arte contemporânea, com obras de arte das coleções das duas fundações, a realizar simultaneamente em Lisboa, Madrid e Barcelona. A Fundação Gulbenkian promoverá a realização de “concertos participativos”, que reúnem músicos amadores com orquestras e coros profissionais, inspirados no modelo de integração pelas artes criado pela Obra Social.

### COLABORAÇÃO NA ÁREA SOCIAL E NA SAÚDE

A criação de um fundo conjunto para financiar projetos de inovação e empreendedorismo social é também uma das hipóteses de colaboração previstas no protocolo, bem como a aplicação de um programa de incentivo à criação de emprego para pessoas em risco de exclusão, baseado numa iniciativa que “la Caixa” já tem em marcha.

Na área da saúde, a Fundação Gulbenkian desenvolverá um projeto-piloto em cuidados paliativos, com base na sua experiência e no modelo do Programa de Atención Integral a Enfermos Avanzados, que a Obra Social “la Caixa” iniciou em 2009, com equipas de profissionais que atuam nos centros de saúde e ao domicílio.

### INVESTIGAÇÃO E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

Apoiar projetos de investigação do Instituto Gulbenkian de Ciência, que entrem na mesma linha de prioridades estratégicas da fundação espanhola, é outro dos compromissos assumidos pelas duas entidades.

No campo da cooperação internacional, as duas fundações vão explorar oportunidades de colaboração em projetos de desenvolvimento em algumas zonas do Mediterrâneo e nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, com especial interesse em Angola e Moçambique.

Ficou também assente que será estudada uma colaboração com a Fundación ISGlobal, para trabalhar nos grandes desafios da Saúde Global. O projeto ISGlobal é o resultado da colaboração entre instituições públicas e privadas, entre elas a Obra Social “la Caixa”.

Além das iniciativas mencionadas, ambas as instituições estudaram oportunidades de colaboração em todas as áreas em que desenvolvem as suas atividades, de acordo com as suas respetivas missões. ■

# Compreender melhor a Saúde Global

**A** Faculdade de Ciências Médicas, da Universidade Nova de Lisboa, criou a Cátedra Calouste Gulbenkian de Saúde Global, inaugurada em fevereiro e a decorrer até ao final do ano. Formar profissionais de saúde capazes de compreender, analisar, investigar e melhorar a saúde global, com uma ênfase especial no que respeita a doenças não transmissíveis e saúde mental, é o objetivo principal desta Cátedra criada com o apoio da Fundação Gulbenkian. Durante o ano, realizar-se-ão oito conferências sobre temas avançados de saúde global, com convidados nacionais e estrangeiros. A próxima conferência está marcada para o dia **12 de abril**, das 11h às 13h, e terá como orador Benedetto Saraceno, coordenador da Cátedra Gulbenkian e antigo responsável pelo departamento de Saúde Mental e dependên-

cia de substâncias da Organização Mundial de Saúde. As atividades académicas incluem ainda mais três seminários de um dia sobre temas básicos de Saúde Global. O seminário de abril decorrerá no **dia 8** e será dedicado ao papel das doenças não transmissíveis em saúde global. Cientes de que os problemas de saúde transcendem hoje as fronteiras nacionais e têm um impacto global no desenvolvimento, os criadores da Cátedra Gulbenkian acreditam que as suas atividades curriculares podem fornecer a formação básica necessária para a compreensão dos fatores determinantes dos problemas de saúde e a relação entre saúde e desenvolvimento político, social e económico, principalmente nos países em desenvolvimento. ■

[www.fcm.unl.pt](http://www.fcm.unl.pt)

## Conferência Internacional sobre Garcia de Orta

**N**os dias **10 e 11 de abril** o Auditório 2 da Fundação Gulbenkian recebe a conferência internacional que assinala os 450 anos dos *Colóquios dos simples e das drogas da Índia*, de Garcia de Orta, pioneiro da medicina tropical. A conferência *O Mundo num livro – Abordagens interdisciplinares aos Colóquios dos simples e drogas da Índia de Garcia de Orta, Goa, 1563-Lisboa, 2013* dará o mote para o aprofundamento da obra do médico e naturalista e também da história da Medicina em Portugal. Garcia de Orta notabilizou-se não só pela sua evidente erudição, mas também pela observação in loco de muitos dos fenómenos que descreveu, pela abertura a vários tipos de conhecimento e tradições culturais, e pela coragem que demonstrou ao questionar várias autoridades consagradas nas matérias em que se especializou. Este colóquio é promovido pela Fundação Gulbenkian, em



colaboração com a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Ao longo de dois dias serão muitos os especialistas – nacionais, europeus e mesmo provenientes dos Estados Unidos e da Austrália – a usar da palavra para debater as várias dimensões e a influência da obra de Garcia de Orta. Entre os temas em discussão estarão Garcia de Orta no contexto da diáspora sefardita, as diferentes edições da obra na Europa do século XVI, a taxonomia dos erros nos *Colóquios*, a História Natural na Goa colonial ou as propriedades terapêuticas e consumo alimentar nos *Colóquios*, entre outros. Após o encerramento, será estreada pelo grupo A Barraca a peça *Garcia de Orta, o sábio prático*, concebida e encenada por Helder Costa e que pretende ser “uma simples homenagem a uma época e a figuras absolutamente excecionais”.

Nascido por volta de 1500 em Castelo de Vide, terra onde os seus pais se tinham refugiado da perseguição movida contra os judeus em Espanha, Garcia de Orta formou-se nas universidades do país vizinho em Artes, Filosofia e Medicina. Foi médico em Portugal e chegou também a ser professor na Universidade de Lisboa.

Aos 34 anos, embarcou rumo à Índia na companhia de Martim Afonso de Sousa, capitão-mor do Mar das Índias de quem foi médico, amigo e companheiro de aventuras.

Estabeleceu-se em Goa e aí escreveu os *Colóquios*. Pela sua estrutura, que privilegia os diálogos entre Orta e Ruano, fictício médico jovem e curioso, os *Colóquios dos simples e drogas da Índia* são uma obra cuja leitura, também pelas observações que contém acerca da sociedade goesa de então, é fácil e estimulante, e encerra mais do que um tratado de Medicina. Foi também em Goa que Luís de Camões, amigo de Orta publicou pela primeira vez um dos seus poemas. ■



## Literatura em Portugal e na América Hispânica

Encontro no lago Titicaca, Peru, 2009 © Luis Lander

**A** CT 29 – *Literaturas e culturas em Portugal e na América Hispânica: Novas perspetivas em diálogo* é o tema do colóquio que irá ter lugar na Fundação Calouste Gulbenkian no dia **12 de abril**. Organizado pelo Projeto DIIA (Diálogos Ibéricos e Ibero-Americanos) do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, em colaboração com o Programa Gulbenkian Próximo Futuro, este colóquio tem por objetivo promover o conhecimento e suscitar a discussão em torno de problemáticas comuns nas literaturas e produções culturais dos séculos XX e XXI, nos universos português e hispano-americanos.

O dia iniciar-se-á pelas 9h30 com duas sessões paralelas, no Auditório 3 e na Sala 2, sob os temas “Espaço, representação e performance” e “Subjetividades e identidades nacionais”. A estas sessões seguir-se-á uma Conferência Plenária, que contará com a participação de Jorge Fonet, escritor e,

desde 1994, diretor do Centro de Investigações Literárias da Casa de las Américas, e cujo tema será “(Algo de) Utopía y (mucho de) desencanto en la reciente narrativa hispano-americana”. Durante a tarde terão lugar as sessões intituladas “Ditadura, censura e memória” e “Modernidades periféricas”, seguidas da Conferência Plenária “Escribir en la crisis: literatura y presente”, para a qual foi convidado Mempo Giardinelli, escritor e jornalista argentino vencedor do Prémio Internacional Rómulo Gallegos 1993 e do Prémio Pregonero de Honor 2007 e Doutor Honoris Causa pela Universidade de Poitiers.

A abertura deste colóquio, que contará com o apoio da Casa da América Latina, do Instituto Cervantes de Lisboa e da Embaixada da Argentina, decorrerá a 11 de abril, na Faculdade de Letras, que acolherá os trabalhos ao longo do primeiro dia. ■

# Cidadania Ativa

**D**e 29 de abril a 30 de junho realiza-se o primeiro concurso anual do Programa Cidadania Ativa, no âmbito do Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu, destinado a apoiar as organizações não governamentais (ONG) portuguesas. O objetivo principal da iniciativa é o fortalecimento da sociedade civil e o progresso da justiça social, democracia e desenvolvimento sustentável.

A Fundação Calouste Gulbenkian é a entidade gestora e operadora, em Portugal, do fundo, no valor de 5,8 milhões de euros atribuídos pela Islândia, Liechtenstein e Noruega e cujo objetivo é contribuir para a redução das disparidades económicas e sociais entre os países europeus. A tutela desta verba foi atribuída na sequência de um concurso dirigido a organizações portuguesas do setor privado não lucrativo, em que a Fundação revelou ser a entidade que reunia mais competências técnicas e financeiras, devido também à longa experiência na atribuição de subsídios.

## UMA OPORTUNIDADE PARA AS ONG

O Programa Cidadania Ativa foi apresentado no dia 22 de março a mais de cinco centenas de representantes de ONG convidadas a participar no evento. Na sessão realizada na Fundação foram apresentados os traços gerais do Programa, incluindo o sistema de concursos que irá vigorar, e anunciada a abertura de um primeiro concurso para Iniciativas de Cooperação Bilateral.

Na ocasião, o presidente da Fundação Gulbenkian falou dos desafios e das oportunidades criadas com o Programa, referindo o atual momento “de crise e de mudança de ciclo” que exige da sociedade civil portuguesa “uma intervenção cidadã cada vez mais ativa e responsável”. Para Artur Santos Silva, este Programa implica também para a Fundação Gulbenkian um compromisso enquanto entidade gestora, o de iniciar uma intervenção “inteiramente financiada com fundos alheios, que implica o cumprimento de regras e metodologias inovadoras de gestão, muito semelhantes às aplicadas aos apoios da União Europeia”.



Sessão de apresentação do Programa Cidadania Ativa © Márcia Lessa

## CONCURSOS E CANDIDATURAS

Aberto em permanência, o concurso para Iniciativas de Cooperação Bilateral destina-se a apoiar atividades que tenham como objetivo o aprofundamento das relações entre as ONG portuguesas e entidades dos Estados financiadores - Islândia, Liechtenstein e Noruega. As organizações poderão beneficiar do intercâmbio de experiências, bem como da partilha e transferência de conhecimentos e de boas práticas para reforço da capacitação e eficácia das suas ações. O Norwegian Helsinki Committee facilitará os contactos entre as ONG portuguesas e as entidades dos Estados financiadores.

A 29 de abril abrirá o primeiro concurso anual para projetos que promovam a participação mais ativa das ONG portuguesas nos processos de conceção e execução das políticas públicas em Portugal, bem como na defesa mais eficaz dos Direitos Humanos, dos direitos das minorias e na luta contra a discriminação em geral. É ainda objetivo deste concurso o reforço da capacitação institucional das ONG, para melhorar as condições de eficácia da sua ação na arena política e social portuguesa.

Os projetos a apoiar devem igualmente contribuir para a prossecução dos seguintes objetivos transversais do Programa: boa governação, desenvolvimento sustentável e igualdade de género.

A este concurso podem candidatar-se as ONG portuguesas, enquanto entidades de direito privado, sem fins lucrativos e de base voluntária, independentes de quaisquer entidades públicas ou organizações empresariais ou socioprofissionais. É ainda necessário que não sejam organizações partidárias, religiosas ou partidos políticos, para poderem concorrer aos fundos do Cidadania Ativa.

A seleção de projetos será realizada por avaliadores independentes com base no mérito relativo das candidaturas, tendo em conta dotações pré-definidas no concurso.

Regulamentos e candidaturas em [www.cidadaniaativa.gulbenkian.pt](http://www.cidadaniaativa.gulbenkian.pt) ■

## Bolsas de investigação Optimus Alive/IGC

**A** té dia **19 de abril** está aberto o concurso para atribuição de duas Bolsas de Investigação nas áreas de Biodiversidade e Microbiologia. As bolsas destinam-se a jovens recém-licenciados que pretendem iniciar um percurso científico, tendo a possibilidade de realizar um projeto de investigação no Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), com algum trabalho prático no estrangeiro. Este é o quarto ano consecutivo que o projeto de responsabilidade social da Everything is New financia duas bolsas de investigação, no âmbito da parceria estabelecida entre o IGC e a promotora do evento de música e arte Optimus Alive-Oeiras. Para mais informação consultar: [www.igc.gulbenkian.pt](http://www.igc.gulbenkian.pt) ■



## Prémio Sociedade Portuguesa de Autores

**A** Fundação Gulbenkian foi distinguida com o Prémio Vida e Obra, pela Sociedade Portuguesa de Autores. O prémio foi entregue na Gala SPA/RTP por José Jorge Letria, presidente da SPA, ao presidente da Fundação Gulbenkian, no dia 25 de fevereiro, no Centro Cultural de Belém (na foto). Pela primeira vez, uma instituição foi distinguida com este prémio geralmente atribuído a personalidades; nos últimos anos, Mário Soares, Eduardo Lourenço e Júlio Pomar foram alguns dos nomes galardoados com o Prémio Vida e Obra da SPA. ■

## Prémio Calouste Gulbenkian

**A** té **15 de abril** podem ser apresentadas as nomeações, nacionais e internacionais, para o Prémio Calouste Gulbenkian destinado a distinguir pessoas ou instituições que se tenham destacado na defesa dos valores essenciais da condição humana.

Este prémio anual, no valor de 250 mil euros, é uma homenagem aos valores defendidos por Calouste Sarkis Gulbenkian e será entregue na Fundação Gulbenkian no dia 20 de julho, data que assinala a sua morte. O ano passado, a West-Eastern Divan Orchestra, destinada a aproximar jovens israelitas e palestinianos através da música, foi a vencedora do prémio. ■ [www.gulbenkian.pt](http://www.gulbenkian.pt)

## Bolseiros em rede

**A** importância das bolsas Gulbenkian para os estudantes estrangeiros dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa ou de Timor-Leste foi um dos temas que reuniu à volta da mesa 22 atuais bolseiros, residentes na região de Lisboa, num encontro presidido por Eduardo Marçal Grilo, administrador da Fundação, e que contou com a presença de Carlos Tiny, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros de São Tomé e Príncipe.

Carlos Tiny partilhou com a assistência a sua experiência de bolseiro e a importância que a bolsa da Fundação teve para a sua formação pessoal e profissional. Tiny referiu também o lado “humano” da Fundação, que foi muito importante para ultrapassar as dificuldades que teve de enfrentar na fase em que era bolseiro, enfatizando igualmente a responsabilidade que no seu entender todos os bolseiros têm de “tendo sido ajudados, dar a mão a outros”.

Os bolseiros, cujas trajetórias foram descritas por Marçal Grilo como “a realização da Fundação Gulbenkian” e que provêm de áreas de estudo tão variadas como Direito, Saúde Pública, Economia ou Geologia, puderam falar das suas próprias histórias e estabelecer contactos. Seguiu-se um debate em que se discutiram questões como o nem sempre fácil regresso à pátria ou o estabelecimento de parcerias de investigação entre a Fundação e os seus ex-bolseiros.

No encontro, Eduardo Marçal Grilo falou também da intenção da Fundação de criar uma rede de bolseiros que incluirá os milhares de antigos e atuais bolseiros da Fundação Calouste Gulbenkian. ■



*Nuno Henrique\* | 30 anos | Artes Plásticas*

**QUAL FOI O SEU PERCURSO ATÉ DECIDIR CANDIDATAR-SE A ESTA BOLSA?**

Em 2005, terminei uma licenciatura em Escultura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto. Continuei a desenvolver o trabalho artístico e, em 2008, trabalhei como assistente de produção na Porta 33 (Galeria de Arte no Funchal) que, no ano seguinte, através de uma parceria com o Ar.Co, me atribuiu uma Bolsa para frequentar em Lisboa um programa de estudos na área de Desenho, que se prolongou por três semestres. Em paralelo trabalhei como assistente de alguns artistas. Entretanto, comecei a expor na Galeria Módulo, onde fiz a minha segunda exposição individual em setembro de 2012.

**DE QUE MODO A SUA TERRA NATAL MARCOU A SUA LINHA DE TRABALHO?**

Em parte, o conteúdo narrativo do meu trabalho deve-se à experiência efetiva com a floresta indígena das ilhas da Madeira e do Porto Santo. Floresta que só nos locais mais inacessíveis sobreviveu ao povoamento do arquipélago pelos portugueses. Ocupando hoje apenas 15 por cento da totalidade do território, esta floresta tornou-se para mim uma experiência da sua ausência. Este aspeto encontra-se bem presente no meu trabalho.

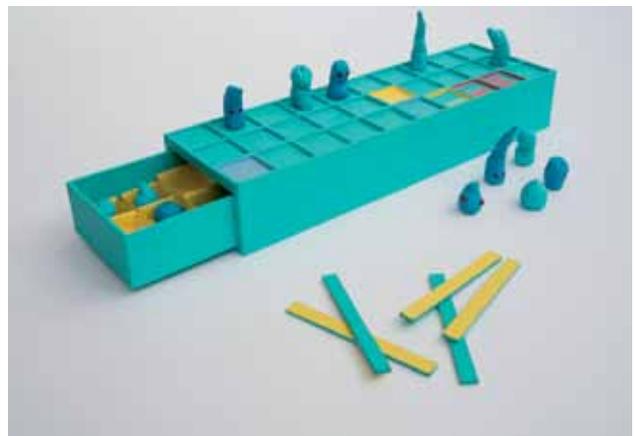
## **“SCATS” ou a vida selvagem norte-americana**

**QUE IMPRESSÕES GUARDA DA RESIDÊNCIA QUE FREQUENTOU?**

Apesar do ateliê ser diminuto, a sua localização, no Soho, trouxe vantagens para o contacto com curadores e artistas que conheceram o meu trabalho.

**QUE PROJETO DESENVOLVEU NA RESIDÊNCIA?**

No período da residência desenvolvi, em parte, uma investigação sobre a flora que existia antes da colonização da ilha de Manhattan, desaparecida com a sua urbanização.





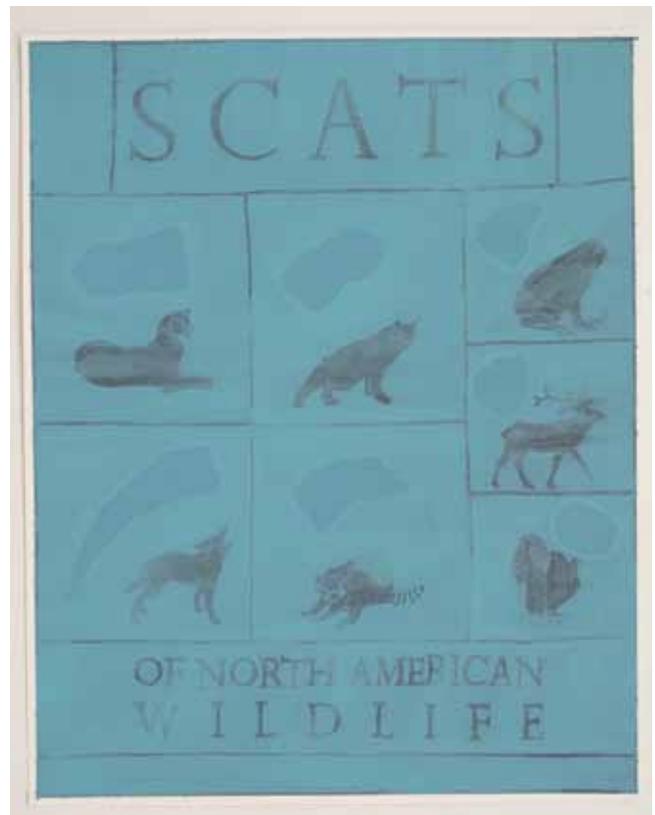
Inwood Hill park, Manhattan fotografado de Spuyten Duyvel, Bronx, New York City

Reuni informação de variadas fontes e, neste momento, tenho material que dará origem a um conjunto de novas obras. Por outro lado, durante a residência tive a oportunidade de contactar com a vida selvagem norte-americana, que resultou na criação de um jogo de tabuleiro, intitulado “SCATS”, e numa série de desenhos desenvolvidos para essa obra (nas fotos). De momento, e como consequência do período de residência proporcionado pela Fundação Gulbenkian e pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, quero regressar aos EUA para prosseguir os meus estudos com um Mestrado em Belas-Artes.

#### **COMO FOI VIVER EM NOVA IORQUE?**

Foi a primeira vez que vivi numa tão grande cidade; do ponto de vista profissional, é aliciante, mas por vezes a vida é dura e a qualidade de vida que se tem em Lisboa é incomparavelmente melhor. No início, tive a sensação de estar perdido, mas foi importante do ponto de vista do acesso e confronto com a obra de outros artistas, proporcionado pela quantidade enorme de exposições que é possível ver em cinco meses, que no final se revelaram curtos. ■

\* Bolseiro da Fundação Gulbenkian e da FLAD na Residência Location One, em Nova Iorque





Maimuna Adam por Filipe Branquinho

## Temporariamente Ocupado(s)

Por Maimuna Adam,  
artista moçambicana participante na iniciativa

***As Ocupações Temporárias foram uma iniciativa de Elisa Santos com artistas moçambicanos como uma proposta de resposta ao problema de limitação de espaços alternativos de exposição em Maputo.***

A proposta da primeira Ocupação (2010) que integrei foi de uma exposição composta por uma rota que incluía seis espaços diferentes dentro da cidade, cada um ocupado pelo trabalho de um artista distinto. Enquanto cada artista trabalhava individualmente, a realização de encontros semanais do grupo proporcionava um espaço para a reflexão e partilha sobre o processo individual e as mudanças a acontecerem na cidade.

As Ocupações foram para mim uma oportunidade de explorar a relação direta e indireta da livraria Minerva Central como entidade e espaço com a história de Moçambique e o percurso de seus cidadãos. Ocupar a livraria foi para mim uma honra e um desafio – na altura a empresa completava 102 anos de funcionamento, e nos últimos anos, possivelmente pela influência de membros de uma geração mais nova da família Carvalho, também fornece computadores. Pelo contexto do espaço trabalhei com papel reciclado, carvão, café e tinta da China. A instalação final foi composta por desenhos pendurados precariamente na vitrina da loja na Rua Consiglieri Pedroso e uma animação *stop-motion* a tocar nos iMacs existentes propondo o livro como um ser autónomo e independente de seu autor e seu contexto original.

Parte do conceito das Ocupações sempre foi que cada artista participa uma vez, apoiando a produção da edição seguinte. A outra particularidade a notar é que nunca houve uma intencionalidade, à partida, de continuidade, ou seja, a realização de cada edição não foi ditada por um calendário pré-estabelecido, mas antes pela “necessidade” de ainda realizar o projeto mais uma vez. O apoio da Fundação Gulbenkian na edição de 2012 viabilizou a sua execução e a proposta de “ocupar” outras cidades, como foi o caso do Mindelo, e acabaram por se revelar ramificações naturais do projeto e do esforço inicial das ocupações. Desde o início, o espírito das Ocupações tem sido o de encorajar a partilha, a colaboração, a visão e interpretação múltipla. Durante as três edições fez-se uso das redes sociais e *blogs*, bem como convites por *e-mail* e SMS, numa tentativa de superar a falta de fundos para material publicitário impresso e aproximar a arte ao público, em vez do inverso.

Considerando a participação de músicos, *designers* de moda e ilustradores, além de artistas visuais, as Ocupações Temporárias não nos convidam necessariamente a ser intervencionistas, mas revelam um dos papéis fundamentais da arte: provisionar um espaço para análise, crítica e exposição de problemas, sem a necessidade de dar respostas, mas funcionando como um espelho e elemento mediador entre nós e o que acontece ao nosso redor. ■



**em abril**

Imagem da exposição Clarice Lispector, *A Hora da Estrela*  
© Acervo Clarice Lispector | Fundação Casa de Rui Barbosa



Clarice no sofá. © Acervo Clarice Lispector | Fundação Casa de Rui Barbosa

# Clarice Lispector

## *A hora da Estrela*

*Três décadas e meia após a morte de Clarice Lispector, a Fundação Gulbenkian apresenta a exposição A hora da Estrela, integrada nas comemorações do Ano do Brasil em Portugal. Divulgar a obra de uma das mais destacadas vozes da literatura brasileira é um dos objetivos desta exposição, que ocupará a Galeria de exposições temporárias do **Museu Calouste Gulbenkian** entre **5 de abril** e **23 de junho**.*



Aspetto da exposição

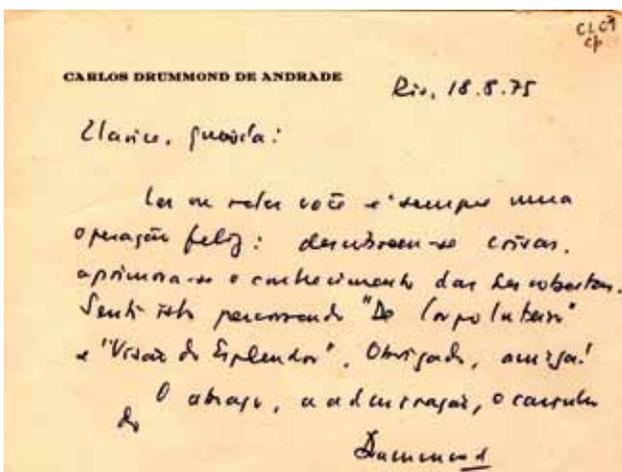
**N**ascida na Ucrânia, em 1920, Clarice Lispector chegou ao Brasil com menos de dois anos de idade. Antes de se mudar para o Rio de Janeiro, em 1937, viveu em Alagoas e em Pernambuco. Passou muitos anos fora, acompanhando o marido diplomata, mas nunca se desligou do Brasil, onde morreu em 1977. *Perto do coração selvagem* foi o primeiro dos seus 26 livros, hoje publicados em mais de 20 línguas.

Aproximar as gerações mais novas da sua obra é um dos objetivos da exposição, que tem a coordenação e curadoria de Júlia Peregrino (a mesma coordenadora de *Fernando Pessoa, Plural como o Universo*), mas também do escritor Ferreira Gullar, Prémio Camões 2010. A exposição já foi apresentada no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Brasília e em Bogotá, tendo sido visitada por mais de 700 mil pessoas.

#### A ESTRELA DE SEIS NÚCLEOS

A Galeria de exposições temporárias do Museu receberá a mostra tal como foi vista no Brasil, dividida em seis núcleos, e onde se pretendem recriar ambientes dos seus livros ou passos da sua existência. Textos, fac-símiles, fotografias e documentos pessoais são mostrados nesta exposição, que também recria ambientes e cenários que inspiravam a escritora. Cartas de Erico Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, Lygia Fagundes e muitos outros, ajudam a conhecer melhor a personalidade de Clarice.

A primeira sala acolhe o visitante com grandes fotografias da autora, em diferentes épocas da sua vida, e uma frase: “Ver é a pura loucura do corpo”. Na segunda sala é recriado o quarto relatado no livro *A paixão segundo G.H.*, em que se



Carta de Drummond a Clarice. © Acervo Clarice Lispector | Fundação Casa de Rui Barbosa



Clarice com um cachorro. © Acervo Clarice Lispector | Fundação Casa de Rui Barbosa



Carteira Profissional de Clarice. © Acervo Clarice Lispector | Fundação Casa de Rui Barbosa

pretende que o visitante se sinta como se estivesse nessa casa. Os núcleos 3 e 4 mostram gostos e prazeres da escritora, mas também as palavras associadas aos lugares por onde passou. Das árvores ao mar, da Ucrânia ao Rio de Janeiro, há percursos cheios de imagens e palavras construídos pela cenografia de Daniela Thomas e Felipe Tassara.

Na sala 5, o visitante pode encontrar uma entrevista com Clarice Lispector, gravada pela TV Cultura no ano da sua morte. Estas serão as únicas imagens em movimento da escritora em toda a exposição e um dos seus documentos mais impressionantes.

Por último, o núcleo 6 apresenta os fac-símiles da sua obra, de uma forma completamente original e desafiante para o visitante. Por se chamar Sala dos “segredos”, esta é uma das surpresas da exposição que se revela apenas a quem a visita. ■

**CLARICE LISPECTOR. A HORA DA ESTRELA.**

**Curadoria: Julia Peregrino | Ferreira Gullar**

**5 DE ABRIL A 23 DE JUNHO**

**MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN –**

**GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS**

# Fernando de Azevedo

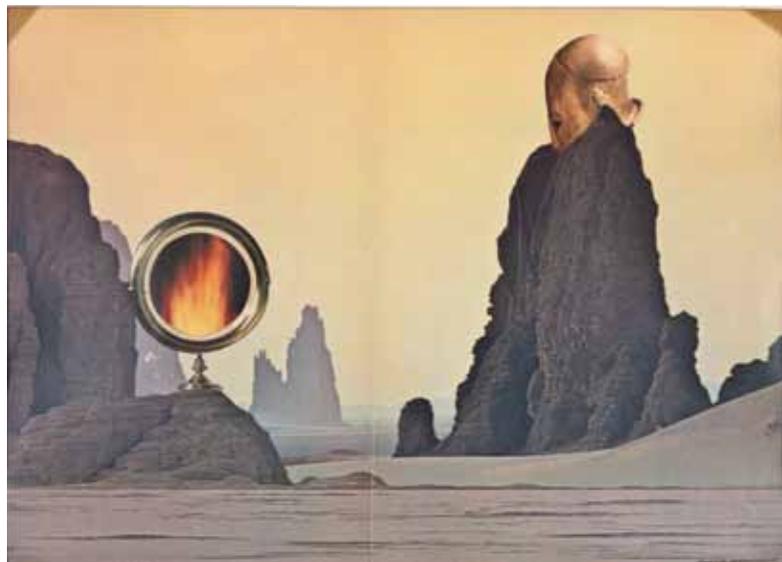
## A primeira retrospectiva

**F**igura central do surrealismo português e um dos elementos do Grupo Surrealista de Lisboa, Fernando de Azevedo (1922-2002) empenhou o seu entusiasmo, a sua criatividade artística e a sua participação coletiva num programa liberto de constrangimentos estéticos, referenciais ou políticos estritos. O CAM dedica-lhe uma extensa retrospectiva a partir do dia 19 deste mês. Em vida, o artista realizou apenas seis exposições individuais, apesar de ter participado em inúmeras coletivas. Do seu vasto trabalho, realizado ao longo de seis décadas, apresenta-se nesta exposição intitulada *Razões Imprevistas*, pinturas, ocultações (páginas impressas ou desenhos ocultados parcialmente com tinta), colagens, desenhos, uma escultura, serigrafias, ilustrações, figurinos, estudos para cenários e trabalho gráfico.

As ocultações marcaram a história visual do surrealismo, tendo sido determinantes na passagem à não-figuração na arte e na assunção do valor do acaso, do inconsciente e das suas razões imprevistas. A mostra dará a ver alguns exemplos das ocultações de Azevedo, onde coexistem o grotesco e o poético, o motivo vegetal ou vagamente animal e a força geométrica, plasticidade orgânica e mecânica.

O desenho (retrato, paisagem, abstração, surrealização, ilustração, *design* gráfico), os cadernos desenhados, os estudos, apontamentos e os diários gráficos eram atividade contínua para Azevedo; são inúmeros e deles é dada também notícia nesta exposição.

Nas colagens (que desenvolve sobretudo a partir dos anos 70), a deriva onírica é uma constante assumida e procura-



Fernando de Azevedo, *Guerreiro e paisagem com Espelho*, 1982, colagem.

da, podendo talvez encontrar-se nelas a expressão mais singular do artista. Azevedo reunia, em permanência, recortes, páginas de revista e fotografias, num banco de imagens imenso ao qual recorria para realizar estes trabalhos. Imagens de frontispícios, portas, monumentos, palcos, edifícios, geram a monumentalidade favorável à surpresa dos detalhes subitamente neles incrustados, assim como as imagens de interiores: o mobiliário, os *bibelots*, as cadeiras, as banheiras, o chão... Pautas, livros, tripés e cavaletes introduzem referências de erudição e arte na amálgama visual das colagens. É também central e estruturante o uso de molduras, portas e janelas, espelhos e ecrãs.

Agente e “embaixador” cultural, júri, consultor, diretor, *designer* gráfico, ilustrador, cenógrafo, arquiteto de exposições, crítico de arte, para além de artista, Azevedo multiplicou funções e atividades, dando expressão multifacetada e solidária ao entusiasmo pela causa. A sua presença na Fundação Calouste Gulbenkian ao longo de quatro décadas (desde 1962) e de colaboração com os seus vários serviços e áreas de atividade deixou testemunhos preciosos e constantes desse compromisso. ■

### RAZÕES IMPREVISTAS

#### RETROSPETIVA DE FERNANDO DE AZEVEDO

Curadoria: Leonor Nazaré

19 ABRIL A 7 JULHO

CAM



Fernando de Azevedo, *S/ título*, 2001, colagem.

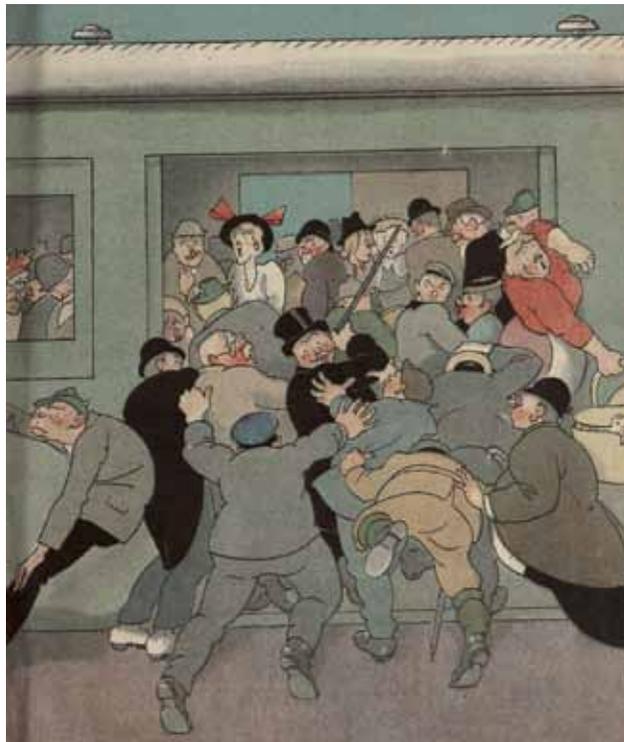
# A obra perdida de Emmerico Nunes

Os desenhos de Emmerico Hartwich Nunes (1888-1968) realizados para o jornal alemão *Meggendorfer Blätter*, que se julgavam perdidos na sequência da destruição da cidade de Munique na II Guerra Mundial, permitem mostrar pela primeira vez um conjunto coerente da vasta obra do artista luso-alemão.

Esta coleção, iniciada por Vasco de Aguiar Duarte Silva e completada pelo seu filho, abarca a melhor época da sua produção gráfica – a década de 1910 –, reunindo também um importante conjunto de desenhos da década seguinte, igualmente destinados à revista alemã, mas na sua maioria executados em Portugal, para onde o artista regressara em 1918. Tanto a vida como a obra de Emmerico Nunes foram fortemente marcadas pela sua condição de artista entre pátrias, que se reflete nas duas artes que praticou com intenso e idêntico prazer: o desenho humorístico e a pintura. Com o desenho humorístico, Emmerico ganhou confortavelmente a sua vida em Munique (1911-1914) e em Zurique (1914-1918), depois de cinco anos de formação em Paris (1906-1911).



O fio condutor da exposição que o CAM consagra ao artista revela as influências e as interferências de duas culturas, a portuguesa e a alemã, bem como de uma constante migração entre vários países durante cerca de 20 anos. Os cerca de 200 desenhos escolhidos para a exposição sublinham ainda a particularidade dessa obra que parece traduzir-se



na procura de um novo tipo de grafismo próprio, situado para além dos registos académico, naturalista e modernista. O facto de reunir exclusivamente desenhos destinados a um mesmo periódico tem a vantagem de possibilitar uma leitura a dois níveis: por um lado, permite analisar a produção do artista num longo período, dentro de um mesmo quadro cultural e ideológico, onde, devido à conjuntura política, desenvolve duas temáticas distintas: a sátira de costumes (1911-1937) e a crónica de guerra (1914-1918); por outro lado, permite analisar a progressiva modificação dos caracteres representados e aproximá-los da produção portuguesa e espanhola, que, a partir da década de 1920 e durante cerca de dez anos, desenvolve paralelamente à alemã. Uma rara oportunidade para conhecer uma obra de um notável desenhador e ilustrador, pouco visível entre nós, com curadoria de Isabel Lopes Cardoso e José Pedro Cavalheiro. ■

## A OBRA PERDIDA DE EMMERICO NUNES

Curadoria: Isabel Lopes Cardoso e José Pedro Cavalheiro

19 ABRIL A 7 DE JULHO

CAM



Shot\_B © Ana Lúcia Cruz

# De África à Europa

## Ocupações temporárias

**P**inturas e vídeos originais, esculturas e um grafito gigante vão ocupar a sala (a mais pequena) das Exposições Temporárias na Sede da Fundação Gulbenkian. Além das obras originais, serão também apresentadas muitas reproduções e documentos que mostram como a arte invadiu as ruas de Maputo desde 2010, mas também as do Mindelo, já este ano. O projeto chama-se Ocupações Temporárias e chega agora a Lisboa integrado na programação do Próximo Futuro, o Programa Gulbenkian de cultura contemporânea dedicado à investigação e criação artística na Europa, na América Latina e em África. Esta iniciativa, que se caracteriza por uma marcada intervenção no espaço público, conta também com o apoio do Programa Gulbenkian de Ajuda ao Desenvolvimento.

### **OCUPAÇÕES DOCUMENTADAS**

No Mindelo, a repórter da televisão cabo-verdiana descreveu a cidade como “uma grande sala de exposições”, resultado das Ocupações Temporárias que decorreram de 7 a 21 do mês passado. Os setes artistas convidados foram desa-

fiados a refletir sobre os estrangeiros – quem são, quais as fronteiras tangíveis e imateriais que delimitam a pertença, como nos distinguimos do outro. E criaram obras em vídeo, instalações e pinturas, em locais como o cais de embarque, um quarto de hotel ou a praça comercial da cidade. Em 2010 e 2011, a cidade de Maputo também mostrou as reflexões de vários artistas moçambicanos sobre o património arquitetónico ou sobre a liberdade e a segurança, nos dez anos do 11 de setembro. No ano passado, Maputo experimentou o tema “Estrangeiros” e as obras entraram em território internacional como as sedes das embaixadas ou o aeroporto.

As imagens resultantes de todas as intervenções são parte dos documentos expostos, à mistura com as obras originais, concebidas especialmente para esta exposição, num cenário que pretende reproduzir a precariedade das intervenções. ■

### **OCUPAÇÕES TEMPORÁRIAS – DOCUMENTOS**

**Curadoria: Elisa Santos**

**11 ABRIL A 26 MAIO**

**GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS DA SEDE – PISO 01**



© Tiago Miranda / Expresso

## Andreia Pinto-Correia

### um talento a descobrir

**N**um dos concertos mais singulares da temporada da Gulbenkian Música, a Orquestra Gulbenkian, dirigida por Joana Carneiro, vai tocar três obras de Andreia Pinto-Correia, uma jovem compositora portuguesa radicada nos Estados Unidos, autora de um número considerável de obras encomendadas por instituições americanas e também nacionais. **Elegia a Al-Mu'tamid**, **Xántara** e **Alfama** compõem uma trilogia inspirada em antigas memórias ligadas à Península Ibérica e que será dada a ouvir, em estreia europeia, nos dias **11 e 12** deste mês.

Na segunda parte deste concerto, a Orquestra, em versão de câmara, vai acompanhar o pianista Uri Caine numa das suas abordagens pessoalíssimas de obras-primas do repertório erudito. Desta vez, improvisará sobre as Variações Diabelli de Beethoven.

Em entrevista realizada por escrito, Andreia Pinto-Correia fala do seu percurso e de como um acidente a levou a iniciar uma carreira que não tinha previsto.

#### **O QUE A LEVOU AOS EUA E QUANDO RESOLVEU ASSUMIR A CARREIRA DE COMPOSITORA?**

Fui para os EUA no ano de 1994 com uma bolsa como solista em saxofone, mas infelizmente tive um acidente nos primeiros meses após a minha chegada. Na altura, regressi a Portugal e tive de interromper os meus estudos por

um período de seis anos, tendo sido submetida a operações e longos tratamentos ao meu braço direito. Felizmente, a instituição que me havia dado bolsa, a Berklee College of Music, manteve a sua oferta e, uma vez impossibilitada de tocar um instrumento a um alto nível, decidi regressar aos Estados Unidos e estudar teoria, orquestração, direção de orquestra e composição.

#### **E ONDE ESTUDOU?**

Iniciei os meus estudos com o lendário compositor Bob Brookmeyer no New England Conservatory, instituição onde acabei por fazer o meu mestrado e onde atualmente leciono e termino o doutoramento em composição clássica. Devo acrescentar que fui bolseira tanto do New England Conservatory como da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento. Comecei muito cedo a receber encomendas, logo a seguir à estreia da minha primeira obra – *Aljezur* –, e a partir daí a minha carreira como compositora começou a desenvolver-se naturalmente.

#### **NESTE CONCERTO VAI APRESENTAR UMA TRILOGIA: *ELEGIA A AL-MU'TAMID*, *XÁNTARA* E *ALFAMA*. O QUE UNE ESTAS TRÊS OBRAS?**

Antes de mais, devo dizer que as três peças da trilogia irão ter a sua estreia europeia. As obras *Elegia a Al-Mu'tamid*,

*Alfama* e *Xântara* são inspiradas em temas relacionados com a nossa história e em particular com a história do Al-Andalus (Península Ibérica). Há, de facto, um fio condutor que as une, uma nostalgia, uma memória, ou mais especificamente uma atmosfera emocional que rodeia essa memória. Esta ideia de memória é certamente um dos aspetos que mais tem influenciado a minha escrita nos últimos anos.

#### **DE QUE MODO ESSA IDEIA DE MEMÓRIA SE REFLETE NA ÚLTIMA PEÇA DA TRILOGIA, *ALFAMA*?**

*Alfama* resulta de uma construção de memórias sobre um sítio e o significado e a importância desse sítio para mim, que sou lisboeta. É uma ode à minha cidade e também à forte ligação que temos com a água, uma vez que Alfama é uma área de Lisboa com uma forte presença do elemento água não só pela proximidade do Tejo, mas também através das suas históricas fontes e banhos. Na obra, a água, que flui continuamente, está representada pelas cordas. A peça, dividida em duas partes, desenvolve-se através de ecos que se manifestam simultaneamente em diferentes velocidades. A parte central da obra é a parte mais “oca” em que o seu “esqueleto” é revelado. A ideia de espelho também está presente, uma vez que a primeira e a última secção da peça são reflexos, inversões.

#### **É UMA PEÇA QUE INCLUI TAMBÉM TEXTO...**

Sim, desde que comecei a escrever *Alfama*, senti a necessidade de adicionar-lhe voz. Na estreia, na Califórnia, pude confirmar o meu instinto inicial e, na Gulbenkian, a obra será tocada com uma soprano. O texto está trabalhado de forma que a sonoridade das palavras tenha autoridade sobre o seu significado. Sendo assim, trata-se de uma língua inventada, muitas vezes construída a partir de inversão de palavras, ou seja, a questão do reflexo, do espelho também está presente aqui. Para este efeito uso fragmentos (em inversão) do poema “Cidade Imersa” do meu pai, João David Pinto-Correia, e também, como já referi, palavras inventadas por mim. Devo sublinhar que *Alfama* resulta de uma encomenda da Fromm Music Foundation da Universidade de Harvard para a Orquestra Gulbenkian e para a Berkeley Symphony Orchestra, uma grande honra para mim. A obra é dedicada à maestrina Joana Carneiro.

#### **A SEGUNDA PARTE DO CONCERTO SERÁ PREENCHIDA PELO PIANISTA NORTE-AMERICANO URI CAINE. O QUE LHE SUGERE ESTA CONVIVÊNCIA?**

Antes de mais, conheço o Uri Caine e, por isso, vai ser bom partilhar um concerto com um músico por quem tenho grande respeito e uma grande estima. Uma feliz coincidência! Iniciei os meus estudos na Academia de Amadores de Música e na Escola do Hot Clube, em Lisboa, e fui para os EUA inicialmente para prosseguir os meus estudos na área



O pianista Uri Caine © Bill Douthart

de Jazz. Por estes motivos, este concerto tem uma relação com o meu próprio percurso. Acho que vai ser interessante também porque, normalmente, as minhas obras são incorporadas em programas mais tradicionais.

#### **QUE PROJETOS TEM AGORA EM MÃOS?**

Neste momento, encontro-me a preparar várias peças para solistas, a estreiar em maio, no Boston Portuguese Festival, num concerto dedicado à minha música. Irei também estreiar em maio a obra *The Tree* que resulta da minha colaboração com a pintora russa Darina Karpov, que conheci quando ambas estávamos em residência na MacDowell Colony, no New Hampshire. Estou também a escrever *Cantigas da Corte*, uma obra extensa, encomendada pelos solistas da Boston Symphony Orchestra (Brass Quintet) e a ser estreada na próxima temporada. Esta obra é inspirada nas Cantigas dos Trovadores da Idade Média. Outros projetos para este ano incluem uma obra para flauta e violoncelo, encomenda da Culturgest em comemoração dos 20 anos, para os solistas da OrchestrUtópica, a estreiar em outubro.

Mas o meu grande projeto para este ano consiste no monodrama *Olhos, espelho e luz*, com textos do Sermão da Sexagésima do Padre António Vieira, para tenor solista, e ensemble de sopros, uma encomenda da Universidade de Minnesota. A estreia será no dia 4 de dezembro e inclui uma residência de compositor naquela instituição, reconhecida por ter um programa de sopros de topo. Outras universidades americanas irão participar neste projeto, pelo que, na próxima temporada, irei viajar com o solista para a performance da obra noutras instituições nos EUA. ■

## Gulbenkian Música Abril

**3 quarta, 21h | Grande Auditório**

Murray Perahia *piano*

Joseph Haydn, Johann Sebastian Bach, Ludwig van Beethoven,  
Franz Schubert, Fryderyk Chopin

**4 quinta, 21h | 5 Sexta, 19h | Grande Auditório**

David Zinman *maestro*

Arabella Steinbacher *violino*

Ludwig van Beethoven, Johannes Brahms

**7 domingo, 19h | Grande Auditório**

LUDOVICE ENSEMBLE

Miguel Jalôto *órgão e direção*

Hugo Oliveira *barítono*

Marc-Antoine Charpentier, François Couperin

**8 e 9 segunda e terça, 19h | Grande Auditório**

QUARTETO CASALS

Integral dos Quartetos para Cordas de Schubert

**11 quinta, 21h | 12 sexta, 19h | Grande Auditório**

ORQUESTRA GULBENKIAN

Joana Carneiro *Maestrina*

Uri Caine *piano*

Andreia Pinto-Correia, Ludwig van Beethoven

**13 e 14 sábado e domingo, 19h | Grande Auditório**

Elisabeth Leonskaja *Piano*

Integral das Sonatas para Piano de Schubert

**14 domingo, 11h | Grande Auditório**

ORQUESTRA GULBENKIAN

Joana Carneiro *Maestrina*

Uri Caine *piano*

Pedro Moreira (*comentador*)

Ludwig van Beethoven (arr. Uri Caine)

**18 quinta, 21h | 19 sexta, 19h | Grande Auditório**

ORQUESTRA GULBENKIAN

David Afkham *Maestro*

Franz Schubert, Johannes Brahms

**19 sexta, 21h30 | Grande Auditório**

SOLISTAS DA ORQUESTRA GULBENKIAN

Wolfgang Amadeus Mozart

*Entrada livre*

**20 sábado, 19h | Grande Auditório**

Leif Ove Andsnes *Piano*

Béla Bartók, Ludwig van Beethoven, Franz Listz, Fryderyk Chopin

**21 domingo, 19h | Grande Auditório**

MÚSICAS DO MUNDO

Ensemble Al-Kindi

Perfumes Otomanos

**25 quinta, 21h | 26 sexta, 19h | Grande Auditório**

CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN

Músicos do Tejo

Marcos Magalhães *Maestro*

Pedro Neves *Maestro*

Henry Purcell, George Benjamin

**27 sábado, 17h | Grande Auditório**

MET OPERA LIVE IN HD

Giulio Cesare, de Georg Friedrich Handel

Harry Bicket *Maestro*

David McVicar *Encenação*

Natalie Dessay, Alice Coote, Patricia Bardon, David Daniels,

Christophe Dumaux, Guido Loconsolo

**30 terça, 21h | Grande Auditório**

Yefim Bronfman *Piano*

Joseph Haydn, Johannes Brahms, Sergei Prokofiev

## Curso Viva Verdi!

No ano do bicentenário do nascimento de Giuseppe Verdi e a anteceder a realização, em versão de concerto, das duas últimas óperas do compositor – *Otello* e *Falstaff* – no Grande Auditório, a Fundação Gulbenkian dedica um curso a este compositor cuja música continua a fascinar as plateias dos teatros líricos de todo o mundo. Ao longo de quatro sessões (**15, 16, 18 e 19 de março**), o musicólogo Rui Vieira Nery falará sobre o drama musical verdiano da Europa do romantismo, explicando o modo como o compositor acompanha e protagoniza o desenvolvimento do Teatro Musical europeu, numa constante ponte entre tradição e inovação e numa permanente exploração do potencial dramático do canto. Tudo isto se passa num período em

que a ópera italiana se converte em espelho cosmopolita numa nova cultura burguesa que desponta numa Europa alimentada pelo ideal do progresso e sacudida pelo capitalismo industrial, pelas revoluções liberais, nacionalismos emergentes, expansão colonial e pelo despontar do movimento operário. Rui Vieira Nery começará pelas óperas de juventude de Giuseppe Verdi até ao triunfo da “trilogia popular” composta por *Rigoletto*, *La Traviata* e *Il Trovatore*, abordando a posterior consagração internacional e o legado visionário das suas últimas duas óperas inspiradas em peças de William Shakespeare. O modo magistral como Verdi retratou a natureza humana nas suas múltiplas vertentes, torna as suas óperas verdadeiramente intemporais. ■

# 360° Ciência Descoberta

## A flora e a fauna exóticas do séc. XVI

O Auditório 2 da Fundação Calouste Gulbenkian receberá no dia **17 de abril** a conferência *Matéria médica: Invenções ibéricas em redor da flora e da fauna exóticas*, integrada no ciclo 360° Ciência Descoberta. Esta conferência versará sobre a contribuição dos povos ibéricos para o conhecimento da fauna e da flora não europeias com as quais contactaram no século XVI. Será dado especial enfoque ao modo como este saber foi útil para a Medicina, assumindo protagonismo os tratados científicos europeus, bem como as práticas culturais e científicas dos seus autores e leitores. Será também discutido o modo como estes novos conhecimentos circularam não só nas colónias, mas também no eixo metropolitano formado pelo triângulo Lisboa-Sevilha-Madrid.

O conferencista convidado é José Pardo-Tomás, doutorado em História pela Universidade de Valência e desde 1994 Investigador científico no Departamento da História da Ciência no Instituto Milà i Fontanals (CSIC, Barcelona). As suas áreas de estudo são a história social e cultural da Medicina, a história natural e os livros científicos da Idade Moderna, temas sobre os quais tem obras publicadas.

### A Exposição

O ciclo de conferências complementa a exposição patente na sede da Fundação até 2 de Junho e que explora as con-



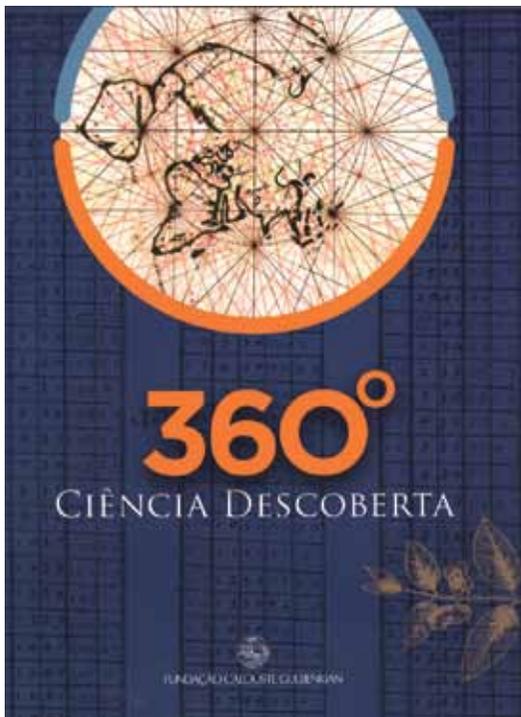
Peixe porco-espinho "DIODON HYSTRIX", Oceano Pacífico, séc. XIX © Museu da Farmácia, Lisboa



Suma de árvores e plantas da Índia Intra Ganges de Manuel Godinho de Erédia, 1612. © Archief Abdij, Tongerlo

tribuições de portugueses e espanhóis para a ciência aquando das viagens marítimas nos séculos XV e XVI, dando conta de como os povos ibéricos desafiaram dogmas científicos, inventaram novas técnicas e introduziram a modernidade científica. Comissariada por Henrique Leitão, a exposição desenvolve-se em seis núcleos – O saber pela palavra, O espanto da novidade, Do Mediterrâneo ao mundo todo, Cada estrela é um número, Planear: a gestão do saber e Do Mundo Novo, uma Ciência Nova – e está repleta de peças inéditas em Portugal, como mapas, instrumentos científicos e de navegação e produtos naturais.

**Veja o filme em [www.gulbenkian.pt](http://www.gulbenkian.pt) ■**



## Do Mediterrâneo ao mundo todo

O catálogo da exposição *360° Ciência Descoberta* documenta, de acordo com o comissário Henrique Leitão, o modo como o “encontro” dos povos ibéricos, nos séculos XV e XVI, “com Novos Mundos permitiu também descobrir uma Nova Ciência”. Com textos do próprio Henrique Leitão, de Teresa Nobre de Carvalho, de Joaquim Alves Gaspar e de Antonio Sánchez, este catálogo, como a exposição que representa, é um tributo à multidão de “heróis anónimos” que, na época em que eram as potências ibéricas os principais agentes da descoberta de novos mundos, contribuíram também para a mudança dos paradigmas científicos até então dominantes.

Dotado de uma bibliografia criteriosamente selecionada e de uma lista de todos os objetos que compõem a exposição, o catálogo mostra, em mais de cem páginas profusamente ilustradas, as imagens – muitas das quais exibidas pela primeira vez no nosso país –, dos instrumentos náuticos ou científicos, manuscritos, livros, mapas, cartas de navegação, produtos naturais e animais embalsamados originários dos lugares por onde passaram os navegadores ibéricos. Distinguindo-se de mostras dedicadas aos descobrimentos pela sua vertente científica, esta exposição procura, segundo Henrique Leitão, mostrar que, ao invés de apenas terem significado a descoberta de “novas terras, novas gentes e uma nova natureza”, as grandes viagens oceânicas trouxeram “uma nova maneira de fazer ciência”. A lista das peças expostas está, como a própria exposição, organizada em torno de seis temas: “O saber pela palavra” remete para o conhecimento estável e assente nos clássicos, previamente dominante na Europa Medieval; “O espanto da novidade” refere-se ao modo que os portugueses e os espanhóis introduziram de conhecer o mundo natural de forma direta, e não por meio dos livros; “Do Mediterrâneo ao mundo todo” mostra a mudança de escala que se operou quando as viagens mediterrânicas deram lugar a travessias oceânicas globais; “Cada estrela é um número” demonstra como os cálculos matemáticos e os instrumentos de navegação evoluíram e foram colocados ao serviço das viagens marítimas; “Planear: a gestão do saber” é um módulo subordinado aos métodos de acumulação, classificação e gestão da informação inteiramente nova que chegava a Espanha e a Portugal; e “Do Mundo Novo, uma Ciência Nova” conclui que as viagens ibéricas contribuíram para o advento de uma nova mentalidade científica. ■

### OUTRAS EDIÇÕES:

**Cesário Verde**

**Ou o Poema sem assunto**

Susana Rosa

**Imagem, corpo, tecnologia**

**A função háptica das novas imagens tecnológicas**

Patrícia Silveirinha Castello Branco

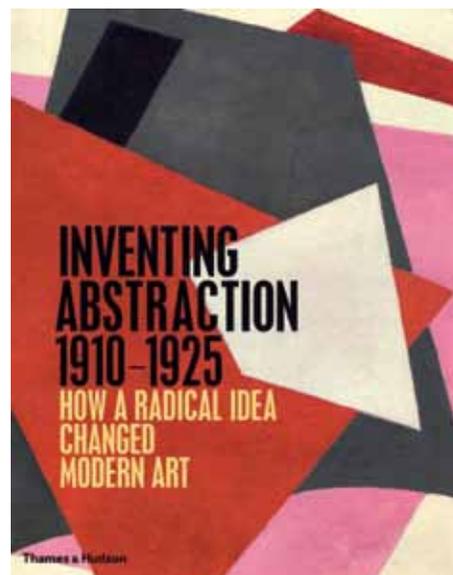
# Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

inaugurada no Musée d'Orsay, em Paris, com o título *L'impressionnisme et la mode*, a exposição que reúne um conjunto de obras maiores de pintores impressionistas, como Manet, Monet, Degas, Renoir, Bazille e Caillebotte, está atualmente (e até 27 de maio) no Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque, onde tomou o nome de *Impressionism, fashion and modernity*, e seguirá depois para o Art Institute de Chicago (25 de junho-22 de setembro). Organizada por estes três museus, a exposição, cujo desenho foi concebido pelo cenógrafo canadiano de teatro e ópera Robert Carson, coloca as pinturas em diálogo criativo com exemplares de indumentária feminina e masculina da época, acessórios – chapéus, leques, sombrinhas –, gravuras e estampas, publicadas nas primeiras revistas de moda, e fotografias. Ao visitante é assim facultada uma leitura mais vasta dos laços que uniram a arte e a moda num período histórico que vai da década de 1860 a 1885, quando Paris se assumiu como a “capital do século XIX”. O catálogo que acompanha a exposição foi coordenado por Gloria Groom, curadora do Art Institute de Chicago, e conta com ensaios assinados por curadores do Musée d'Orsay, do Fashion Institute of Technology de Nova Iorque e do Museum of Fine Arts de Houston, assim como por historiadores de arte, como Anne McCauley e Aileen Ribeiro, cujo foco de abordagem privilegia uma visão da moda como um aspeto da vida moderna, capaz de atrair, naqueles anos, para além dos artistas, escritores como C. Baudelaire, S. Mallarmé e E. Zola. O catálogo é profusamente ilustrado, contendo também uma lista das obras expostas e uma bibliografia. ■



O dia 15 de abril será o último em que a exposição intitulada *Inventing abstraction 1910-1925* poderá ser visitada no Museum of Modern Art (MoMA), de Nova Iorque. Organizada sob a responsabilidade curatorial de Leah Dickerman – historiadora de arte e curadora do MoMA – esta exposição incide sobre as primeiras décadas do século XX, um período de ruturas estéticas e agitações criativas. E a abstração foi uma das expressões artísticas radicalmente novas destes anos, experimentada por uma rede de artistas como F. T. Marinetti, V. Kandinsky, G. Apollinaire, F. Picabia, T. Tzara, F. Kupka e A. Stieglitz, por exemplo, que tiveram igualmente um papel importante como críticos, editores e organizadores de exposições.

Esta exposição do MoMA faz a história da abstração, do seu alargamento geográfico – pouco anos depois da primeira exposição em 1912, a nova linguagem estética ganhou adeptos pela Europa fora e na América – e das suas implicações estéticas em outras formas de expressão, como a escultura, o cinema, a música, a poesia, a dança e a fotografia. Quem não puder deslocar-se a Nova Iorque poderá consultar o excelente catálogo publicado pela ocasião, coordenado por Leah Dickerman e que segue a mesma organização da exposição, contendo reproduções não só das obras expostas, como também de algumas que não puderam ser emprestadas, além de contar com vários ensaios de críticos e historiadores de arte, entre os quais H. Damish e Hal Foster. ■



# Museu Calouste Gulbenkian

## Inro

**E**stojo *inro*<sup>1</sup> de uma única caixa, decorado num dos lados por crisântemos, gramíneas e borboletas num fundo de madeira. Envolto em tecido decorado, apresenta no lado oposto uma *biwa* – instrumento tradicional japonês – juntamente com um *aiguchi tanto* – pequeno punhal sem guarda-mão –, utilizando as técnicas de *hiramakie* (pintura ou desenho polvilhado liso polido) e *takamakie* (pintura polvilhada em relevo) negro, vermelho, prata e ouro, com detalhes em *kirikane*, ou ouro recortado, *aogai* – fragmentos de madrepérola verde-azulada – e pedra branca, no punho do *aiguchi tanto*, sobre um fundo que é aqui de madeira. Os bordos do *inro*, biselados, são decorados por um fino enrolamento floral em *hiramakie*, em ouro, com os tubos laterais, por onde passam os cordões de suspensão da peça, executados em marfim.

O estojo esconde no interior uma caixa de madeira amovível, acessível abrindo a tampa superior, com bordos em *fundame* (ouro em pó muito fino polvilhado num fundo de laca húmido), aberta lateralmente e dividida em prateleiras e compartimentos como uma *zushidana* (peça composta por três gavetas, com a superior arqueada). Na base esquerda tem uma gaveta com um puxador negro e uma cartela decorada a ouro com gramíneas *suzuki* incisadas, enquanto na base direita tem outra gaveta, mais pequena e pouco profunda, com uma pega em marfim, decorada com *hagi* – trevos de bosque – em *hiramakie* vermelho e ouro sobre fundo lacado a negro. Conserva igualmente três caixas independentes, com tampas, duas decoradas com enrolamentos florais semelhantes aos bordos exteriores do *inro*, em *hiramakie* em ouro sobre um fundo lacado negro, e outra em *fundame* em ouro, que não faria provavelmente parte do conjunto original. A peça está assinada “Kanryo” ou “Hiroyoshi” numa pequena cartela retangular na sua base, com caracteres em relevo sobre um fundo de laca em ouro. Este artesão não está registado sob nenhuma das variantes do seu nome, que poderão ainda ser “Kanro” ou “Kanra”. Este *inro* conserva ainda um *ojime* de forma ovoide, achatado, com motivos em forma de U em metais diversos e um *netsuke hako* decorado de um lado por bambu numa vasi-

lha e flores de crisântemo, tendo no lado oposto um *suehiro*, ou leque de dobrar, com pendões em laca negra decorada com *chinkin* (ouro em pó ou em folha muito fina revestido a laca), pedras duras engastadas, madrepérola e madeira sobre fundo de madeira, em estilo Shibayama, designação relacionada com uma família supostamente fundada por volta de 1770 por Onogi Senzo, um agricultor de Shibayama que se mudou para Edo. Esta família desenvolveu uma sofisticada técnica usando minúsculos fragmentos de uma grande variedade de materiais, incluindo o marfim, conchas, jade, coral, malaquite, vidro e ouro, aplicados num fundo de marfim, madeira ou laca. Com o seu sucesso, este “estilo” popularizou-se, tornando-se bastante mais ornamentado e decorando objetos que eram depois vendidos para o ocidente<sup>1</sup>, produzidos também por artesãos que não pertenciam à família de Shibayama. ■

**Jorge Rodrigues**

---

<sup>1</sup> Originalmente concebido para transportar pequenos objetos de uso quotidiano, uma vez que o vestuário tradicional japonês – o kimono – não tem bolsos, o *inro*, pendurado pelos seus cordões ao cinturão e usado apenas por homens, tornou-se rapidamente um dos mais apetecidos – e dispendiosos – acessórios de moda. Frequentemente executado utilizando as mais sofisticadas técnicas de ornamentação dos artesãos japoneses, muitas vezes sobre a preciosa laca negra, o *inro* manteve-se popular no período Edo (1603-1868), até à segunda metade do século XIX, altura em que se tornou supérfluo e antiquado, vindo a engrossar muitas das coleções privadas ocidentais, cujos detentores estavam então particularmente atentos à arte oriental, sobretudo a japonesa.

### Kanryo (ou Hiroyoshi)

#### Inro

Assinado: *Kanryo* (ou provavelmente *Hiroyoshi*)

Japão, século XIX

Madeira, *takamakie* e *hiramakie* negro, vermelho, ouro, prata e marfim

6,5 cm x 5,2 cm x 2,5 cm

Proveniência: Sir Trevor Lawrence

Inv. Nº 1317



# Biblioteca de Arte

## *Information*

**N**a sua canção *The times they are a-changin'*, Bob Dylan anunciava, em 1964, que os tempos estavam a mudar. E mudaram, de facto. Ao longo dos anos seguintes os ventos de mudança sopraram fortes um pouco por todo o planeta, provocando um clima de subversão e revolta que mobilizou intelectuais, artistas, estudantes e trabalhadores, unidos na contestação política e social e colocando em causa os valores e as prioridades da sociedade capitalista ocidental. Foi nesta conturbada conjuntura – acrescida, no contexto norte-americano, da revolta contra a guerra do Vietname e da luta pela igualdade dos direitos civis - que, em 2 de Julho de 1970, foi inaugurada no Museum of Modern Art (MoMA) de Nova Iorque a exposição *Information*. Concebida como “um relatório internacional” para dar conta “da actividade recente de jovens artistas”, esta foi uma das primeiras exposições realizadas em museus americanos com um carácter realmente internacional, já que entre os cerca de 150 “homens e mulheres de 15 países” se contavam, por exemplo, os brasileiros Cildo Meireles e Hélio Oiticica, os alemães Bernhard e Hilda Becher e Joseph Beuys, o colectivo jugoslavo OHO e o colectivo argentino Frontera, o francês Daniel Buren e a japonesa Yoko Ono; por outro lado, *Information* foi a primeira grande exposição que colocou o público americano em confronto com a arte conceptual que vinha apenas sendo mostrada no circuito mais restrito das galerias. Mas não foram somente estes os aspectos que a tornam uma exposição relevante no panorama artístico da segunda metade do século XX. Também a estratégia curatorial adoptada pelo seu curador Kynaston McShine (n.1935) – McShine é um dos curadores mais importantes da sua geração e era então um dos raríssimos negros a desempenhar um papel de relevo no discurso da prática artística – torna singular esta exposição, em que as obras expostas resultaram das propostas enviadas pelos artistas como resposta ao convite de McShine. Concebida para misturar e cruzar suportes, materiais e técnicas, e para ser interativa, no seu ‘press-release’ lia-se que “Várias peças da exposição podem apenas ser realizadas com a activa participação do público quer dentro quer fora do Museu...” e que nela se incluíam “fotografias das reacções do público aos objectos – utilizando-os ou observando outros a utilizá-

los”<sup>1</sup>. E ainda que *Information* não o tivesse assumido, o seu nome não pode deixar de invocar a ideia da arte como informação (teorizada pelo crítico e curador Jack Burnham, em 1968, na sua obra *Systems Esthetics*) e de ter subjacente o reconhecimento da ampla mutação cultural causada pelo advento da designada sociedade da informação – anunciada por M. McLuhan em obras como *Understanding media: the extension of man* (1964) e *The medium is the message: an inventory of effects* (1967) –, como aliás, sublinhava Kynaston McShine no texto introdutório do catálogo: “Os [artistas] representados são parte de uma cultura que tem sido consideravelmente alterada pelos sistemas de comunicação como a televisão e filme, e pela crescente mobilidade”. Para memória futura desta crucial exposição ficou o livro-catálogo essencialmente ilustrado que, tal como ela, o curador McShine desejou que fosse “provocador, esclarecedor e informativo”. Nele entrevistaram 96 artistas, cada um convidado para criar a sua contribuição, sendo-lhes atribuída uma, ou nalguns casos, duas páginas; embora essa intervenção seja diretamente relacionada com os trabalhos expostos, em alguns casos não houve essa ligação, tornando-o um “necessário adjunto à exposição”. A crítica e curadora Lucy Lippard (n.1937), por exemplo, apenas participou no catálogo. Complementam-no uma lista de filmes “parcial mas representativa” que refletia “muitas das preocupações e atitudes dos artistas participantes na exposição”, e ainda uma secção “necessariamente incompleta” de “leitura recomendada”, com as referências bibliográficas de livros, revistas e artigos e catálogos de exposição que, na maior parte, eram “essenciais e importantes pistas para o pensamento dos artistas”. Pela forma como foi concebido este catálogo faz parte do tipo de publicações consideradas como livro de artista produzidas nestes anos. ■ **Ana Barata**

TÍTULO *Information* / edited by Kynaston L. McShine

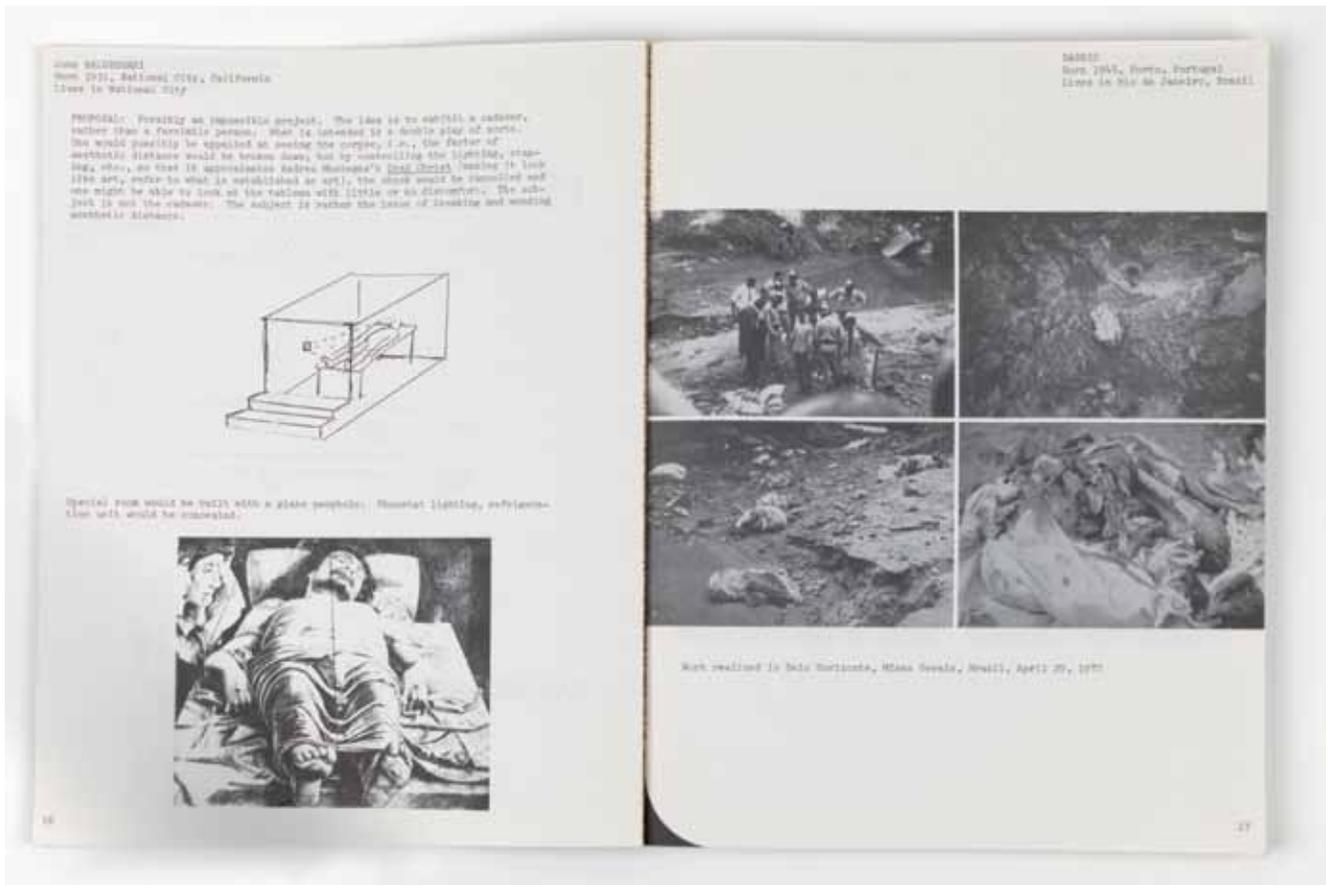
PUBLICAÇÃO New York : Museum of Modern Art, 1970

DESCR. FÍSICA 207 p. : il. ; 28 cm

NOTAS Livro de artista; obra publicada por ocasião da exposição organizada e patente no Museum of Modern Art, Nova Iorque, 2 de Julho a 20 de Set. de 1970

COTA(S) LA 187

<sup>1</sup>Disponível em : [http://www.moma.org/docs/press\\_archives/4484/releases/MOMA\\_1970\\_July-December\\_0004a\\_69D.pdf?2010](http://www.moma.org/docs/press_archives/4484/releases/MOMA_1970_July-December_0004a_69D.pdf?2010)





# Primavera no Jardim Gulbenkian

## O Chapim-Azul

Alimentando-se especialmente de insetos e aranhas e, no outono e no inverno, de frutos e sementes, o chapim-azul pode ser encontrado em todo o país, sendo observável nos jardins da Fundação Gulbenkian ao longo de todo o ano.

Com o apoio científico de

